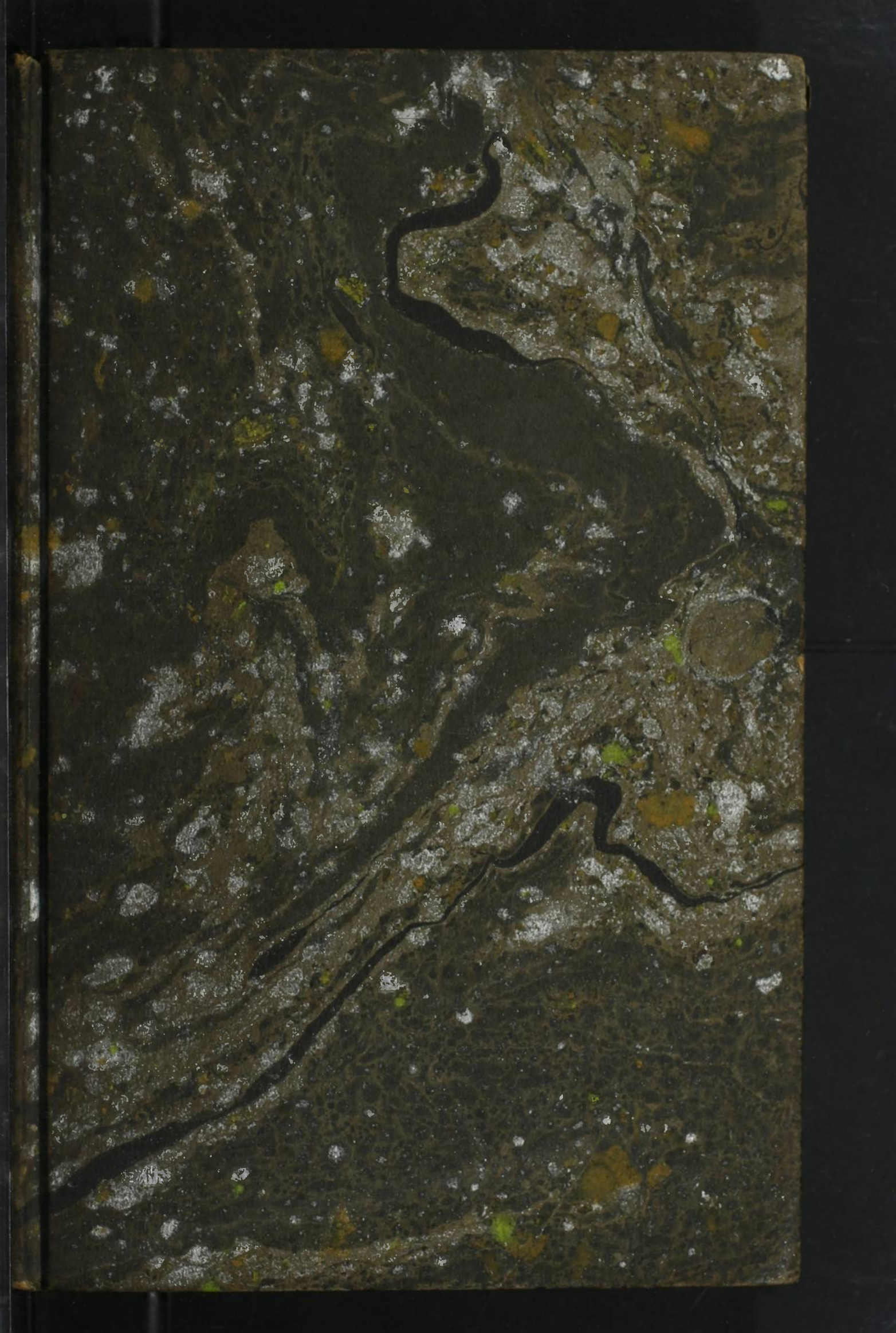
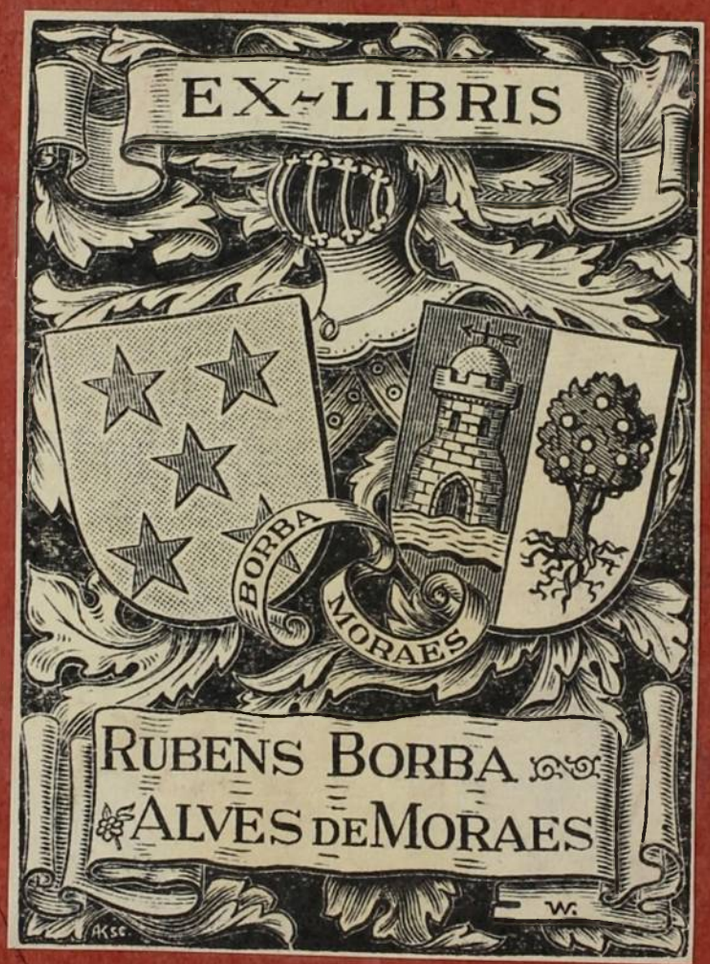



EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

M.D.

KIRIALE

POESIAS DE

Alphonsus de Vimaraens

PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (a vapor)
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
T. de Cedofeita, 56
1902

KIRIALE

Obras de Alphonsus de Vimaraens:

Publicadas–

Dona Mystica, poema.
Septenario das Dôres de Nossa Senhora e Camara-ardente, poemas. (Edição exgottada).
Kiriale, poesias.

A entrar para o prelo–

Pastoral aos Crentes de Amor e aos Illudidos, lyrica.
Nova Primavera, de Heine, traducção portugueza.

Em eclosão–

Mendigos, contos (prosa).
Ascensão, sonetos.
Cantigas e voltas.
Voz do Céu, drama romanesco (prosa).

DE ARCH'ANGELUS de VIMARAENS:

A entrar para o prelo–

Corôa de goivos, lyrica.

Alphonsus de Vimaraens

Kiriale

(1891—1895)

Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum; sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea.

DAVID, ps. 6,—penitencial.

Placé á l'âme, Seigneur, marchant dans votre voie
Et ne tendant qu'au ciel, seul espoir et seul lieu.

P. VERLAINE.

PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (a vapor)
T. de Cedofeita, 56
1902

Bento de Barros

(1872-1891)

Ad memoriam.

CAPUT I

PULVIS

C'est la Mort qui console, hélas! et qui fait vivre.

C. BAUDELAIRE.

I

INITIUM

Ao meu primo Horacio Bernardo Guimarães

Tanta agonia, dôres sem causa,
E o olhar num céu invizivel posto...
Prantos que tombam sem uma pausa,
Risos que não chegam mais ao rosto...

Noites passadas de olhos abertos,
Sem nada ver, sem falar, tão mudo...
Alguem que chega, passos incertos,
Alguem que fóge, e silencio em tudo...

Só, perseguido de sombras mortas,
De espectros negros que são tão altos...
Ouvindo mumias forçar as portas,
E esqueletos que me dão assaltos...

Só, na gehenna deste meu quarto
Cheio de resas e de luxuria...
Alguem que geme, dôres de parto,
— Satan que faz nascer uma furia...

E ella que vem sobre mim, de braços
Escancarados, a agitar as têtas...
E nuvens de anjos pelos espaços,
Anjos extranhos com as azas pretas...

E o inferno em tudo, por tudo o abysmo
Em que se me vae toda a coragem...
«Santa Maria, dá-me o exorcismo
Do teu sorriso, da tua imagem!»

E os pesadelos fogem agora...
Talvez me escute quem se levanta:
E' a lua... e a lua é Nossa-Senhora,
São della aquellas côres de Santa!

II

A CABEÇA DE CORVO

Ao Dr. Edmundo Lins

Na mesa, quando em meio á noite lenta
Escrevo antes que o somno me adormeça,
Tenho o negro tinteiro que a cabeça
De um corvo representa.

A contemplal-o mudamente fico
E n'uma dôr atroz mais me concentro:
E entreabrindo-lhe o grande e fino bico,
Metto-lhe a penna pela guela a dentro.

E solitariamente, pouco a pouco,
Do bôjo tiro a penna, rasa em tinta...
E a minha mão, que treme toda, pinta
Versos proprios de um louco.

E o aberto olhar vidrado da funesta
Ave que representa o meu tinteiro,
Vae-me seguindo a mão, que corre lesta,
Toda a tremer pelo papel inteiro.

Dizem-me todos que atirar eu devo
Trévas em fóra este agoirento corvo,
Pois delle sangra o desespero torvo
Destes versos que escrevo.

III

O CACHIMBO

A Joaquim Soares Maciel Junior

Uma visão do tenebroso Limbo,
Soturna e sepulcral, tens a teu lado:
Por um artista foi este cachimbo
A' feição de caveira burilado.

Vê tu, formosa, é um craneo em miniatura
Onde a tua caveira vou revendo:
O vasio das orbitas fulgura,
Sinistramente, quando á noite o accendo.

E ás vezes, quando o eterno ideal me abrasa
O craneo, no cachimbo os olhos ponho:
Ha tambem dentro delle fogo em brasa,
Sóbe o fumo e desfaz-se como um sonho.

E quando á noite o accendo, a sua bocca
Transparente e maguada se clareia:
E ri-se, e eu rio ao vel-a, aberta e louca,
Toda de beijos e de afagos cheia.

IV

O LEITO

Hontem, á meia noite, estando junto
A uma egreja, lembrei-me de ter visto
Um velho que levava ás costas isto:
Um caixão de defunto.

O caso nada tem de extraordinario.
Quem um velho a levar um caixão tal
Inda não viu? É um facto quasi diario
Em qualquer bairro de uma capital.

Mas é que ia de modo tal curvado
Para o chão, e a falar tão baixo e tanto,
Que, manso e manso, e tremulo de espanto,
Fui seguindo a seu lado.

Disse-lhe assim: «Talvez seja a demencia
Quem guie os passos todos que tu dês;
Ou és então, na misera existencia,
Um miseravel bebedo, talvez.»

O olhar fito no chão, como desfeito
Em sangue, o velho, sem me olhar, seguia.
E ouvi-lhe a unica phrase que dizia:
— «Vou levando o meu leito.»

V

LUAR SOBRE A CRUZ DA TUA COVA

Sonhei que estava no crimiterio,
Resando sempre resas de cór.
E como o luar clareasse o chão do cemiterio,
Pensei num mundo que é talvez melhor.

Branca de linho como um phantasma,
A torre grande era só tristeza.
E como envolta em luar, muito maguada e pasma,
Estava ao longe não sei que Princeza.

Era talvez a Desesperança,
Com o seu cortejo de sonhos máus.
(Demonios, dae começo á vossa contradança,
Vinde cantar os languidos soláus!)

«Certo o coração de tudo esquece,
Quando muitos annos são passados...»
E eu não te esqueço mais, alma da minha prece,
Que voaste para os mundos encantados!

«Eu sei que o amor sempre se renova,
E que ninguem póde viver só...»
E como o luar clareasse a cruz da tua cova,
Vi o meu sonho transformado em pó.

VI

O LAGO

Não sei que vento máu turvou de todo o lago.

Como a capa de luz da Senhora das Dôres,
Elle era azul e tinha estrellas... e o tom vago
Dos olhos cheios de celestes resplendores.

Elle era todo azul como o sonho de um Mago,
Como a capa de luz da Senhora das Dôres.

Em tempo algum, que alguem soubesse, escurecera
Alli: se o occaso vinha, o luar, logo, estendia
Toalhas de neve e celestiaes mantos de cera...
Tudo era branco de um alvor de eucharistia.

Anjos pairavam, de azas pandas, sobre o lago.

Já não é mais assim. A dôr os ares corta,
E enche de sangue e lucto o horisonte presago.
Soluça por alli a voz da pobre Morta...

No alto do monte, altivo como um Condestavel,
Um cavalleiro resa orações. Noite calma,
Sem luar, deixando em tudo um tedio inolvidavel...

Não sei que vento máu turvou toda a minha alma.

VII

SETE DAMAS

Sete Damas por mim passáram,
E todas sete me beijaram.

E quer eu queira quer não queira,
Ellas vêm cada Sexta-feira.

Sei que plantáram sete cyprestes
Nas remotas solidões agrestes.

Deixáram-me como um mendigo...
Se ellas vão acabar commigo!

Todas, resando os Sete Psalmos,
No chão caváram sete palmos.

E era para este logar que eu vinha...
Meu Deus, se esta sepultura é a minha!

Como os meus olhos estão cançados,
Sete peccados, sete peccados!

VIII

PRESAGIOS

«Um esqueleto de mantilha
Que passa pela minha porta...
(Um velho diz) é minha filha
Que vae morrer ou que está morta!»

«Um esqueleto agonisante
Que passa pela minha porta...
(Um moço diz) é minha amante
Que vae morrer ou que está morta!»

Outro dirá: «E' meu presagio,
Vendo-o que passa pela porta,
O irmão que morre num naufragio,
Ou a irmã querida que está morta!»

Outro: «Se és tu, meu pobre amigo,
Que passas pela minha porta!»
«Se és tu, meu pae, eu vou comtigo...
Se é minha mãe, oh Deus, que é morta!»

Nenhum de nós, porém, ao vel-o
(Quem se não julga rijo e forte?)
Dirá que o horrendo pesadelo
Nos annuncia a propria morte...

IX

Á MEIA-NOITE

A Aug. de Vianna do Castello

Cheguei á meia-noite em ponto.
O caso deu-se como eu conto,
Cheio de lugubre mysterio...
Pois ella disse: «Ao cemiterio
Vamos á meia-noite em ponto.»

E eu respondi-lhe: «Conto, conto
Comtigo á meia-noite em ponto.»

Como eu sabia, ella outro amante
Tivera em tempo não distante.
Era já morto: eu uma esposa
Tinha tambem sob uma lousa.
E ella sabia dessa amante.

Jaziam, um do outro distante,
O amante della e a minha amante.

Bem não chegámos, os cyprestes
Agitáram as verdes vestes
Como arrojando-se debruços...
Que ais de tristeza e que soluços
Gemeram tão verdes cyprestes.

Gemia o vento pelas vestes
Verdes dos virides cyprestes.

Parámos de repente á porta:
Eu era um morto, ella uma morta
Tal foi a scena branca e nua
Que nós, clareados pela lua,
Olhámos bem ao pé da porta.

Eu era um morto, ella uma morta,
Sem movimento junto á porta.

Deante de nós, em frente, deante,
O amante della e a minha amante,
Espectros vis num mesmo quadro,
Vinham vagar, hirtos, pelo adro,
Deante de nós, em frente, deante...

O amante della e a minha amante
Riram, passando para deante.

X

CANÇÃO

Ao meu irmão Arch'Angelus

Eu cantei, como vós, oh trovadores,
E ninguem quiz ouvir os meus amores.

Cantei meus versos junto ás morenas,
Riram-se todas das minhas penas.

E junto ás loiras, dias inteiros,
Cantei meus sonhos aventureiros.

(Riram-se todas, dias inteiros,
Desses meus sonhos aventureiros.)

Sabia trovas de montanhezes,
Canções longinquas dos Portuguezes.

Perdi-me em sonhos por sobre os mares...
Ninguem quiz ouvir os meus cantares.

(Riram-se todas, dias inteiros,
Desses meus sonhos aventureiros).

Na tua cova só tu me ouviste...
Quem sabe lá se tambem te riste!

XI

OCCASO

(Impressões de vesperas de Finados)

A Jacques d'Avray

Perdido como estou nesta grande charneca,
Cheio de sêde, cheio de fome,
Disse-me Deus: sê bom! e o Diabo diz-me: pecca!
E anjos e demonios repetem o meu nome.

O cemiterio está, nas glorias deste occaso,
Cheio de leitos como um hospital.
Eu sonho que estou morto e sonho que me caso...
Vou vestido de noivo e coberto de cal.

Eis o que vejo alem nas glorias deste occaso:

Mulheres velhas e mulheres novas,
Homens e creanças vão levando flôres.
Não ha corôas para tantas covas,
E nem ha prantos para tantas dôres.

Se este padre vae para o meu enterro,
Deixae-o caminhar bem de vagar.
O cemiterio está no alto daquelle cerro...
Que elle não possa, oh Deus, nunca mais lá chegar!

Se este carpinteiro que me segue,
Aprompta as taboas do meu caixão,
Fazei, Senhor meu Deus, com que elle cegue
Antes de apromptar o meu caixão.

Se estes senhores de tão negras calças
E de sobrecasacas tão modernas,
Querem pegar, tristissimos, nas alças
(Pois se olham de tal modo quando eu passo),
Fazei, Senhor meu Deus, com que as suas pernas,
Não possam dar mais um passo.

(Alguem agita sudarios no poente.)

Se este coveiro agora mesmo
Cavava a minha cova inexistente,
Cantando e soluçando,
Fazei, Senhor Meu Deus, com que elle agora mesmo,
Caia na cova que está cavando.

Se a costureira que alli trabalha,
Em vez de uma camisa de noivado,
Vem offerecer-me esta mortalha,
Que ella não tenha, oh Deus, no leito em que repousa,
Nem a camisa branca do noivado,
Nem um noivo que a queira por esposa.

Se estes sinos vão dobrar por mim,
Se este é o momento do meu enterro,
Fiquem os sinos a esperar por mim. . .
Que eu nunca alcance, oh Deus, o alto daquelle cerro!

XII

SAUDADE

Uma mulher que por amar soluça
Na torre da minha alma se debruça.

E despenha-se o luar pela encosta do monte,
Tranquillamente, como uma fonte.

Dois ou tres demonios familiares
Passam cantando, para voar logo após pelos ares.

E despenha-se o luar pela encosta do monte.

O monte fica defronte
Da torre da minha alma onde soluça
Essa mulher: e quando o sol entre as nuvens se embuça,
Nas horas mortas dos crepusculos tão vagos,
De azul, vestida como o céu, como o céu mysteriosa,
Ella abre os olhos immortaes, como dois lagos...
Virgem piedosa!
E os sonhos passam, cysnes que não cantam mais,
No infinito dos seus olhos immortaes,
Abertos para a eternidade...

Pobre mulher, pobre Saudade!

XIII

O CAMPANARIO

A José Ignacio de Araujo Lima

No campanario, ao sol incerto,
Não ha sineiros nem ha sinos...
Se alguem morrer aqui por perto,
Não terá dobres vespertinos,
Lamento de almas no deserto.

Já não ha sinos nem sineiros
No campanario em abandono...
Bastam, talvez, os carpinteiros
A trabalhar dias inteiros,
Dando leitos a quem tem somno.

Nenhuma cruz, abrindo os braços,
Vela por quem já não existe...
No chão pisado não ha traços
De joelhos, mas sómente passos
Indifferentes de algum triste.

Junto deste caixão informe
Ninguem resa de joelhos juntos...
Basta, talvez, a cova enorme
Pará abrigar o homem que dorme
No campo-santo dos defuntos.

Só, na Capella entristecida,
Que dorme sobre a encosta agreste,
Nossa-Senhora, a Dolorida,
Vem apontar-nos a outra vida,
Olhando o Céu com o olhar celeste.

E no Altar-Mór, cheio de palmas,
No claro-escuro de um sol-posto,
Nosso-Senhor recebe as almas,
Abrindo as palpebras tão calmas
Por entre as chagas do seu rosto.

No seu alhar de Abandonado,
Pois a Capella está vasia,
Fulgura o humano luar sagrado
Que arranca os homens do peccado
E de Jesus nos faz um dia.

Já não ha sinos nem sineiros
No campanario em abandono...
E sob a sombra dos salgueiros
Elle apparece nos outeiros
Como um solar que não tem dono.

Ah! como é triste, ao sol incerto,
Longe da voz santa dos sinos...
Para guiar-nos ao céu aberto
Já não tem dobres vespertinos
O campanario do deserto.

XIV

LADAINHA
DOS QUATRO SANTOS

Santa Maria, Mãe de Jesus,
Que com as azas protectoras cobres
Os que têm frio, rôtos e nus,
Ora pro nobis.

Santo José, pobre carpinteiro,
Que eras tão pobre entre os que eram pobres,
De enxó na mão, Santo verdadeiro,
Ora pro nobis.

Santo Jesus, meu bom Protector,
Que nos teus grandes olhos encobres
O céu, Cordeiro e tambem Pastor,
Ora pro nobis.

Santa Morte, afinal, cujo nome,
Ouvido aos sons dos ultimos dobres,
Será o consolo dos que têm fome,
Ora pro nobis.

CAPUT II

OS SONETOS

J'étais mort sans surprise, et la terrible aurore
M'envellopait. — Eh quoi ! n'est-ce donc que cela !

C. BAUDELAIRE.

I

NAUFRAGO

E temo, e temo tudo, e nem sei o que temo.
Perde-se o meu olhar pelas trevas sem fim.
Medonha é a escuridão do céu, de extremo a extremo...
De que noite sem luar, misero e triste, vim?

Amedronta-me a terra, e se a contemplo, tremo.
Que mysterio fatal corveja sobre mim?
E ao sentir-me no horror do cháos, como um blasphemo,
Não sei porque padeço, e choro, e anceio assim.

A saudade tirita aos meus pés: vae deixando
Atraz de si a magua e o sonho... E eu, miserando,
Caminho para a morte allucinado e só.

O naufragio, meu Deus! Sou um navio sem mastros.
Como custa a minha alma a transformar-se em astros,
Como este corpo custa a desfazer-se em pó!

II

POEIRAS MEDIEVAS

E' a furna absconsa ao pé de um tremedal tremendo.
Soluçam genios máus numa região de peste.
Sem ar, sujeito ao somno insolito, distendo
Os nervos doentes. Passa arfante o vento lèste.

Ah! se eu fosse contar as Mortas que estou vendo...
Um demonio latino anda em roda. Celeste
E' a côr do manto azul de um feiticeiro horrendo.
Outro de córnos ha que de rubro se veste.

Fidalgos tristes vêm afrontando perigos,
Alma que em frente ao céu desolado se ajoelha,
Grande olhar velador dos Cruzados antigos...

Ninguem verá jamais o cháos de sangue e trevas
Onde estou, envolvido em mortalha vermelha,
Nas ruinas auguraes destas poeiras medievas.

III

VISÃO DOS SOLITARIOS

Com a vasta escuridão do teu cabello ensombras,
Se o destranças pelo ar, o proprio sol que bate
Nessa carne que tem a maciez das alfombras
Feitas de sêda branca e velludo escarlate.

Não sei quem és: attráes e ao mesmo tempo assombras.
Alguma coisa de astro o teu sorrizo dá-te...
Errante multidão de espectros e de sombras
Anda em redor de ti como para um combate.

Para que, para que tanta magua me déste?
Porque surgiste aqui, na minha noite espessa,
Tu, Rainha immortal de algum Sabbat celeste?

Phantasma, és a Mulher! Levanta-te, Anjo eterno!
Ergue-te mais, e mais! Como a tua cabeça
Póde tocar o Céu, se tens os pés no Inferno?

IV

VEDETA

Certo, eu vivo num mundo espiritual, postado
A' beira de uma vil sepultura de gesso.
Sem que possa fugir, vejo a Morte ao meu lado...
Que vale o pó (... foste mulher!) porque padeço?

Pobres restos mortaes! (O labio do peccado
Nunca beijou de leve o teu cabello espesso...
O teu remoto olhar de Anjo Crucificado
Vem-me de longe despertar quando adormeço.)

Parce sepultis, Deus dos eternos martyrios!
Um coveiro, talvez, vendo a cova tão alta,
Fez o canteiro onde nós dois colhemos lirios.

Sei de um espectro que me diz quando se some:
— A quem guardas ahi, Cavalleiro de Malta,
A' beira deste Santo-Sepulcro sem nome?

V

ESPIRITO MÁU

A Coelho Netto

Um espirito máu passa resando officios
Na minha alma que está toda cercada de eças.
E patriarchas senis vêm mostrar-me cilicios,
Falam no Purgatorio, e vão fugindo ás pressas.

Feiticeiras que vendem virtudes e vicios,
Fadas que lêm nas mãos as ignotas promessas,
Dizem que hei de soffrer sobrehumanos supplicios...
Satanazes tambem dizem coisas como essas.

Espectros que têm voz, sombras que têm tristeza,
Perseguem-me: e acompanho os apagados traços
De semblantes que amei fóra da natureza.

Vós haveis de fugir ao som de padrenossos,
Fructos da carne infiel, seios, pernas e braços,
E vós, mumias de cal, dansa macabra de ossos!

VI

SUCCUBUS

Ás vezes, alta noite, ergo em meio da cama
O meu vulto de espectro, a alma em sangue, os cabellos
Hirtos, o torvo olhar como raso de lama,
Sob o tropel de um batalhão de pesadelos.

Pelo meu corpo todo uma Furia de chamma
Enrosca-se, prendendo-o em satanicos elos:
— Vae-te, Demonio encantador, Demonio ou Dama,
Loira Fidalga infiel dos infernaes Castellos!

Como um damnado em raiva horrenda, clamo e rujo:
Hausto por hausto aspiro um ar de enxofre: tento
Erguer a voz, e como um reptil escabujo.

— Quem quer que sejas, vae-te, oh tu que assim me assombras!
Accordo: o céu, lá fóra, abre o olhar somnolento,
Cheio de compuncção dos luares e das sombras.

VII

SERPES

Tantas serpentes vi pelos meus calcanhares
Em rôlos, e tal era a furia dos seus botes,
E tantas rans coaxando, e as vozes familiares
De outros muitos reptis a pular aos pinotes:

Tantos monstros, que emfim os meus rudes olhares
(Dizem que os Anjos têm os mais excelsos dotes.)
Tiveram de resar á sombra dos altares,
Supplicando a verdade á voz dos sacerdotes.

Eis-me esperando aqui os meus votos supremos:
Terão a treva ou a luz, o Inferno ou o Paraiso,
Os pobres olhos que não mais serão blasphemos?

Como é bom esperar a longiqua promessa
Que no dia final do tremendo Juizo
Hade ser tão maior por maior que se peça!

VIII

SPECTRUM

I

Vestido de ouro o Sol, bom padre, canta a missa
Da luz no altar do céu. Véus de celestes damas,
As nuvens voam: cantam passaros: e viça
Mais do que nunca o olhar de Flora pelas ramas.

Entra o Espectro. Com voz soluçante e submissa
Murmuro-lhe: — «Porque, se és luz, se já não amas,
Atormentar-me assim? Não haverá justiça
Final no inferno, fogo eterno, eternas chammas?

Para que perseguir-me, Anjo tristonho? Espera.
Ou antes de noite vem, quando o remorso chora,
E o lucto os olhos fecha á alma da primavera.»

— «Bem te deves lembrar: quando tu me esqueceste,
Brilhava o mesmo sol no mesmo céu de agora...
Bem te deves lembrar: foi um dia como este.»

II

E o Espectro, que era um Anjo espiritual, esvoaça
Pelo ar tranquillo, e sóbe ao céu. Noite silente.
Toda de branco, a lua, ancilla triste, passa
Pelo mosteiro celestial, celestialmente.

Estrellas de um fulgor de diamantes sem jaça
Brilham na concha azul do céu de outubro quente.
Horas passam. De novo o Espectro vem.— «Por graça
Deixa-me em paz, deixa-me em paz eternamente.

Ou antes mais tarde vem, quando a treva de rastros
Envolve a terra, quando o céu negro recúa
Para mais alto, e chora os semi-mortos astros.»

— «Quando eu morri, hora fatal, hora funesta,
Era uma noite assim, toda branca de lua...
Bem te deves lembrar: a noite era como esta.»

IX

SAM GRAAL

Se a tentação chegar ha de achar-me resando
Na erma Thebaida do meu sonho solitario.
(Miseria humana, humano vicio miserando,
Não haveis de polluir as hostias no Sacrario. . .)

Se a tempestade vier ha de achar-me chorando,
E como dobrareis, sinos do Campanario!
Subirei á montanha eleita orando, orando. . .
(Não és tão longa assim, ladeira do Calvario!)

Se a tentação chegar ha de achar-me de joelhos,
(Miseria humana, humanidade miseranda. . .)
Maldizendo a traição dos seus labios vermelhos.

Se a tempestade vier, e eu cahir, nesse dia
Piedosamente irei pela terra em demanda
De ti, oh Santo Craal, Vaso da Eucharistia!

X

RECORDANDO-SE

Aberta a pobre mão como a pedir a morte,
Olhos que vinham de mais longe que os poentes,
Ella surgiu-me branca e pura de tal sorte
Que vi passar por mim sombras inexistentes.

Gemei, gemei ao luar, vento sul, vento norte!
E com toda a fluidez dos seus olhos doentes,
Olhou-me calma e triste... (Oh pallida consorte,
Quem pudera chorar as saudades que sentes!)

Olhos não vistos, céu de nimbos, mar de escolhos,
Ella abaixou-vos para o chão com gesto brando,
Porque o céu ninguem póde abrangel-o com os olhos.

Como quem se recorda olhou para os caminhos...
(Ha tantos annos já que te vi soluçando
Aos pés do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos!)

XI

POBRES SONHOS

Meus pobres sonhos que sonhei, já tão sonhados,
Que vento de desdita e de lucto vos leva?
Que furia sem pavor, sedenta de peccados,
Vos guia em turbilhões de poeira e de treva?

E quem vos faz errar sem crença, aniquilados
Por tal desesperança amargurada e seva,
Que vos vejo adejar, tantos annos passados,
No mesmo céu de sangue onde a morte se eleva...

Sonhos, nuvens do amor, espectros da saudade,
Se o desespero ha de chegar um dia destes,
Oh dae-me fé, dae-me esperança e caridade.

E hei de ver-vos voltar, como as visões primeiras,
Meus pobres sonhos que no inferno vos perdestes,
Sob o clarão das tres virtudes verdadeiras...

XII

IN HOC SIGNO...

Bem me valeu resar e ser humilde e justo,
E erguer ao céu piedoso os olhos compassivos:
O dragão que eu temia appareceu-me, o busto,
Fulvo, no resplendor dos clarões redivivos...

Tombei de joelhos, sem poder luctar, a custo,
Deante da luz de sete olhos contemplativos.
Brilhava um sol qualquer no immovel céu adusto,
Como nunca se viu neste mundo de vivos.

E os sete olhos do monstro olhavam-me, esperando
Que a minha alma cedesse á torpeza sombria
Dos peccados mortaes, cada qual mais nefando.

Silencio e morte em que me vi! Sobresaltada
A minha alma accordou, e o dragão que eu temia,
Fugindo, ante o signal da cruz desfez-se em nada...

XIII

ASCETAS

I

Ascetas immortaes da Edade-Media, os joelhos
Sangráram-vos de tanto orar: o olhar contrito,
Seguindo o olhar de Deus nos occasos vermelhos,
Fugiu-vos para o céu, sedento de infinito.

As nuvens para vós eram como evangelhos,
Paginas onde a mão de Deus havia escripto.
E vós lieis por lá, anciosos como os velhos,
O roteiro estellar de um destino bemdicto.

Se eu podesse viver a vossa doce vida,
No mysterio final de um mosteiro de treva,
Onde se ia apagar tanta alma dolorida. . .

Viver longe da carne ardente, da luxuria
Que para nos tentar em cada peito eleva.
Como fructos de luz, duas tetas de furia!

II

Pudesse eu, pudesse eu viver acima disto,
Onde... não sei, e nem me importa a mim sabel-o...
Em um logar em que de ninguem fosse visto,
Envolta a fronte num fulgor de setestrello.

E lá, junto a meu Pae celeste, ouvindo a Christo,
Fonte de luz, feliz por tão de perto vel-o,
Todo branco de luar, ser o filho bemquisto
A quem o pae afaga e beija-lhe o cabello.

Viver em pleno mundo azul, longe do nivel
Commum para quem é mortal, sempre ajoelhado,
Na santa communhão de um amor impassivel.

Ser um Eleito, bem longe da humana vida,
Ser o Cordeiro que vae ser sacrificado,
E vê na luz do céu a terra promettida.

XIV

MORS

A Alvaro Vianna

Fica bem longe o meu principado,
Entre montanhas que não têm verdura.
(Meu dolorido coração, cuidado!
Ha muito tempo o temporal perdura.)

Vivo no meu castello avassallado
A uma rainha sem formosura.
Tenho chorado, tenho soluçado,
Como vós mortaes que a julgaes impura.

Segue-me o Tedio, todo de preto...
E a sublime Rainha dá-me o braço,
Que é branco porque é braço de esqueleto.

— Mandae, Senhora, apromptar a eça...
(Oh chanceller sombrio do meu paço,
O cantochão dos sinos já começa.)

CAPUT III

SAM BOM JESUS DE MATTOSINHOS

Nostre Seigneur tel est, tel le confesse.
En ceste foy je vueil vivre et mourir.

F. VILLON.

A José Severiano de Rezende, Presbyt.

Sam Bom Jesus de Mattosinhos
Fez a Capella em que o adoramos
No meio de arvores e ramos
Para ficar perto dos ninhos.

E' como a Egreja de uma aldeia,
Tão socegada e tão singella...
As moças, quando a lua é cheia,
Sentam-se á porta da Capella.

Vae-se pela ladeira acima
Até chegar no alto do morro.
Tão longe... mas quem desanima
Se elle é o Senhor do Bom-Soccorro!

Tem tanto encanto a sua Egreja,
Paz que nos é tão familiar,
Que é impossivel que se não seja
Um bom christão em tal logar.

Alegrias mais que terrestres
Murmuram hymnos pelas naves.
No adro, quantas flôres silvestres,
Nas torres, quantos vôos de aves...

E atraz da Egreja o cemiterio
Floresce cheio de jazigos.
Os proprios mortos, que mysterio!
Vivem na paz de bons amigos.

Quando o Jubileu se approxima,
Ai! quanta gente sóbe o morro...
Tão longe... mas quem desanima
Se Elle é o Senhor do Bom-Soccorro!

Velhas de oitenta annos contados
Querem vel-o no seu altar,
Braços abertos, mas pregados,
Que nos não podem abraçar.

Entrevados de muitos annos,
Vão de rastros pelos caminhos
Olhar os olhos tão humanos
De bom Jesus de Mattosinhos.

Sáem dos leitos como de eças,
Espectros cheios de esperança,
E vão cumprir loucas promessas,
Pois de esperar a fé não cança.

Vinde leprosos do grande ermo,
Almas que estaes dentro de lôdos:
Que o Bom Jesus recebe a todos,
Ou seja o são ou seja o enfermo.

Almas sem rumo como as vagas,
Vinde resar, vinde resar!
Se Elle tambem tem tantas chagas,
Como não ha de vos curar...

Direis talvez: «Chegar lá-emcima...
Antes de lá chegar eu morro!
Tão longe...» Mas quem desanima
Se Elle é o Senhor do Bom Soccorro!

Foi pelo meiado de Setembro,
No Jubileu, que eu vim amal-a.
Ainda com lagrimas relembro
Aquelles olhos côr de opala. . .

Era tarde. O sol no poente
Baixava lento. A noite vinha.
Ella tossia, estava doente. . .
Meu Deus, que olhar o que ella tinha!

Ella tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
Sam Bom Jesus de Mattosinhos
Olhava-a como que a chorar. . .

CAPUT IV

A CATHEDRAL

(LENDA DO BALTICO TRANSPLANTADA
PARA PORTUGAL.)

Ignota landa astral da Bem-Aventurança,
Já não ha sobre a terra o que eu chamo esperança.

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE. Presbyt.

De mon espoir je suis la tombe. . .
Espoir! O tombe de ma vie!

JACQUES D'AVRAY, Prince royal
du Symbole, Grand Poète in-
connu.

Ao Dr. Dario da Silva.

D. Guiomar tombou de giolhos,
— Dobravam todolos sinos —
E no horisonte dos seus olhos
Dois Anjos cantáram hymnos.

As mãos em cruz, a alma petrina
Suspendendo os alvos peitos...
Que amargura quasi-divina
Nos seus olhos contrafeitos!

Era no tempo em que a moirama
Dominava a Portugal.
Como resaste, nobre Dama,
Nessa noite de Natal...

— «Senhor meu Deus omnipotente,
Ouvide a voz de uma louca...
(Bem se via que uma alma crente
Te soluçava na bocca.)

«Senhor meu Deus de alta clemencia,
Eis o que hoje vos imploro:
Seja eterna a minha existencia
Neste deserto onde moro.

«A Cathedral que vos levanto
E' feita de pedra e cal...
Senhor Deus, que eu exista emquanto
Existir a Cathedral!»

Foram palavras céu arriba,
Clamáram no mar profundo...
Ouviu-las Deus, e um velho escriba
Annotou-as cá no mundo.

E mesteraes dos mais valentes
Vão começando o trabalho:
Qual quebra as pedras em torrentes,
Qual as prepara com o malho.

Tamanho esforço sobrehumano
Põe de pé a Cathedral.
E já passára mais um anno,
E outra noite de Natal.

Não têm mais conta os dobrões de oiro
Que a Dama gastou na Egreja.
Fosse embora mais de um thesoiro
Eis acabada a peleja.

Dona Guiomar está contente,
Toda ledice na face.
Por não morrer, ri-se da gente...
Não houve quem la invejasse.

Passáram muitos longos dias,
Mezes, annos afinal.
Quantas pungentes agonias
Desde a noite de Natal!

E fica velha a nobre Dama,
Toda cheia de cançaço...
Não se levanta mais da cama,
Nem póde dar mais um passo.

Lastima o tempo em que era forte,
Bemfadada e bemquerida.
Se resa agora, pede a morte,
Só por ter eterna vida.

Como o Senhor ha de ouvil-a,
Se não tomba a Cathedral?
— Dorme, Fidalga, bem tranquilla,
Que não tem cura o teu mal.

E para ella um caixão foi feito:
E nelle o corpo deitando,
Dona Guiomar, com as mãos ao peito,
Póz-se esperando, esperando...

Seculos passam no infinito,
E ella está sempre deitada,
Sem um gemido, sem um grito,
De olhos fitos sem ver nada.

Junto á Dama quasi-defunta
Resa um padre no Natal.
Dona Guiomar então pergunta
Se tombou a Cathedral...

CAPUT V

OSSA MEA

(SONETOS)

. . . . . Une pourpre s'apprête
A ne teudre royal que mon absent tombeau.

S. MALLARMÉ

I

Desesperanças! requiem tumultuario
Na abandonada egreja sem altares. . .
A noite é branca, o esquife é solitario,
E a cova, ao longe, espreita os meus pesares.

Sinos que dobram, dobras de sudario!
No silencio das horas tumulares
Ha de surgir o espectro funerario,
Cujos olhos sem luz não têm olhares.

Santo allivio de paz, consolo pio,
Fonte clara no meio do deserto,
Manto que cobre aquelles que têm frio!

Eis-me esperando o derradeiro throno:
Que a morte vem de manso, em dia incerto,
E fecha os olhos dos que têm mais somno. . .

II

Mãos de finada, aquellas mão de neve,
De tons marfineos, de ossatura rica,
Pairando no ar, num gesto brando e leve,
Que parece ordenar mas que supplica.

Erguem-se ao longe como se as eleve
Alguem que ante os altares sacrifica:
Mãos que consagram, mãos que partem breve,
Mas cuja sombra nos meus olhos fica...

Mãos de esperança para as almas loucas,
Brumosas mãos que vêm brancas, distantes,
Fechar ao mesmo tempo tantas boccas...

Sinto-as agora, ao luar, descendo juntas.
Grandes, maguadas, pallidas, tacteantes,
Cerrando os olhos das visões defuntas...

III

Ao meu primo Alfredo da Costa Guimarães

Quero crer, olhos meus em penitencia,
Que na magua da eterna despedida,
Vos terei transformados na aurea essencia
De dois astros de luz amortecida...

Invocareis então a alta Clemencia
Para a minha alma triste e dolorida,
No instante em que eu, sublime de innocencia,
Murmurar-vos assim, deixando a vida:

Olhos de olhar o mundo contristados,
Eis-vos agora alem, nesse mysterio
De epithalamios e de astraes noivados...

Vêde bem que estes restos foram vossos:
Illuminae, com resplendor funereo,
Em noite longa a cinza dos meus ossos...

IV

Oh labios que sereis de lôdo e poeira,
Que intangivel desejo vos abate?
Que ancia suprema, na hora derradeira,
Em silencio vos livra esse combate?

Quereis falar, e quietos sois: na inteira
Mudez do coração que já não bate,
Por debaixo de vós ri-se a caveira,
Labios que fostes flammas de escarlate.

Se frios como neve estaes agora,
Com saudades de beijos que não déstes,
Alegrae-vos na dôr que vos descora.

Cerrae-vos para sempre em doce calma:
Que os beijos dados, e ainda os mais celestes,
Nunca deixam vestigios na nossa alma...

V

Braços abertos, uma cruz. . . Basta isto,
Meu Deus, na cova abandonada e estreita
Onde repouse quem te fôr bemquisto,
Corpo duma alma que te seja affeita.

E' o Justo. As chagas celestiaes de Christo
Beijam-lhe mãos e pés: purpureo deita
O pobre lado traspassado o misto
De agua e de sangue. E' o Justo. Eis a alma eleita.

A corôa de espinhos irrisoria
Magôa-lhe a cabeça, e pelas costas
Cáe-lhe o manto dos reis em plena gloria. . .

Gloria de escarneo o manto extraordinario:
Mas quem me dera um dia, de mãos postas,
Nelle envolver-me como num sudario!

VI

Ah! tantas illusões, para as perdermos,
E os sonhos onde iremos enterral-os!
E sempre o luar na solidão sem termos,
E estes corpos a encher covas e vallos...

Vamos chorar alem, naquelles ermos.
Quem poderá soffrer tantos abalos!
Os pobres corações estão enfermos,
E o consôlo de Deus deve salval-os.

Tomba de joelhos, tu que não soubeste
Gosar a paz que veio sobre as ondas
Da tua alma ao clarão da noite agreste...

Noivo da Morte, em branca primavera,
Se acaso tens um leito onde te escondas,
Aperta a mão piedosa que te espera...

VII

Ao meu irmão Arthur da Costa Guimarães

Se eu procurasse a minha cova ausente,
Bem póde ser á beira desta estrada
Ante a minha alma a visse de repente,
Bocca vasia ao luar escancarada. . .

Mas nessa hora de horrores que pungente
Espanto! Alma no amor crucificada,
Branca, fugindo silenciosamente,
Talvez que o teu olhar não visse nada.

Tanto é certo, meu Deus, na vida impura,
Não podermos saber onde marcados
Estão os palmos de cada sepultura. . .

Pois, talvez, ao crepusculo indeciso
Que me encaminha os passos fatigados,
Seja-me a cova o chão que agora piso. . .

EPILOGO

DIES IRAE

SEQUENCIA DO DIA DE FINADOS

(TRADUCÇÃO)

A Mario de Alencar

Oh! dia de ira aquelle dia!
Dil-o David, e a Pithoniza:
Revolve o mundo em cinza fria.

Mas que pavor haverá quando
Vier Aquelle que pesquiza
As obras do homem miserando!

Pelas regiões do eterno somno
Sôa a fatal tuba da Crença,
Reunindo a todos ante o Throno.

A morte e a natureza, pasmas,
Vêm, ante Deus que os julga, a immensa
Resurreição desses phantasmas.

Tudo que tem de ser julgado
Ha de surgir num livro de onde
O clamor se ouve do peccado.

E Aquelle que os mortos reune
Ha de julgar o que se esconde,
E nada ficará impune.

Que direi ante o Throno augusto?
Só tu, com as tuas vestes alvas,
Não soffrerás, Alma do Justo!

Rei de tremenda magestade,
Os que serão salvos tu salvas:
Salva-me, oh! fonte da piedade.

Da tua Sacrosanta Via
A causa fui, Jesus Piedoso:
Não me percas naquelle dia.

Com fadigas, suores e pranto,
Tu me buscaste sem repouso:
Não se perca trabalho tanto.

Oh! meu Senhor Deus de vingança,
Antes d'aquelle dia extremo,
O teu perdão sobre mim lança.

Como réu, eis-me supplicante. . .
Com o rosto em fogo choro e gemo:
Perdôa esta alma agonisante.

Como, Jesus, me esperançaste
Quando ouviste o ladrão contrito
E a Magdalena tu perdoaste!

E' indigna a prece que em mim clama?
Faze por teu favor bemdicto
Que me não queime a eterna chamma.

A mim entre as ovelhas deita,
Longe dos bodes condemnados,
De ti, Jesus, á mão direita.

Ah! se os maldictos tu condemnas,
Põe-me com os bem-aventurados,
Livre das sempiternas penas.

Cuida em mim na hora derradeira...
Dia de lagrimas! pois o homem
Ha de surgir da cinza e poeira.

Do teu perdão abrindo as portas,
Livra-o das chammas que o consomem...
Requiem eterno aos que estão mortos!

Sam-Paulo e Villa Rica (1891-1895).

Alphonsus fecit.

O manuscripto, para ser o ***Kiriale*** dado á estampa, foi passado a limpo em a cidade da Conceição do Serro, onde reside actualmente o Auctor, sendo pelo mesmo feita essa copia em dias do mez de junho do corrente anno de 1902.

LAUS DEO

INDICE

PAG.

CAPUT I, PULVIS.

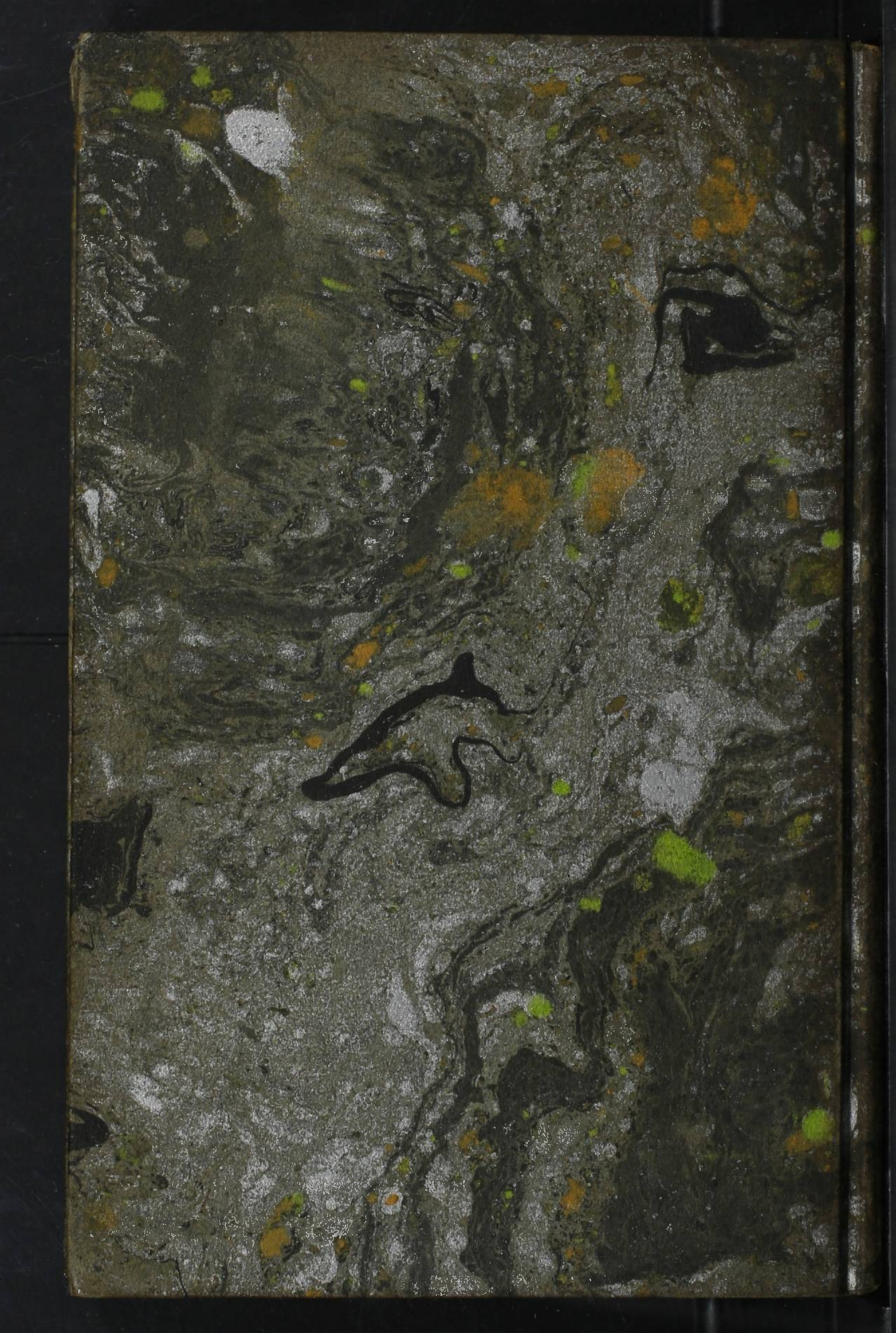
Initium 9
A cabeça de corvo. 11
O cachimbo 13
O leito 15
Luar sobre a cruz da tua cova 17
O lago 19
Sete Damas. 21
Presagios 23
A' meia noite 25
Canção 27
Occaso 29
Saudade. 33
O campanario 35
Ladainha dos Quatro Santos 39

CAPUT II, OS SONETOS.

Naufrago 43
Poeiras medievas 45
Visão dos Solitarios 47
Vedeta 49
Espirito máu 51

Succubus 53
Serpes 55
Spectrum 57
Sam Graal 61
Recordando-se 63
Pobres sonhos 65
In hoc signo 67
Ascetas 69
Mors 73
CAPUT III, SAM BOM JESUS DE MATTOSINHOS . . 77
CAPUT IV, A CATHEDRAL 83
CAPUT V, OSSA MEA, *Sonetos*.
I 89
II 90
III 91
IV 92
V 93
VI 94
VII 95
EPILOGO, DIES IRÆ 99

FINIS

Por lapso da revisão, feita longe dos olhos do Poeta, na pag. 36 onde se lê *alhar* leia-se *olhar*.

18832